

**Ensaio****Fascismo. O pior crime contra a democracia****Fascism: The worst crime against democracy****Vinício Carrilho Martinez¹**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos-SP, Brasil

Resumo

O texto é um tipo de breviário sobre o assim chamado “bolsonarismo”. Um breviário porque ninguém será capaz de esgotar suas particularidades e inscrições na realidade política, social, econômica, cultural. Também se propõe como breviário no sentido de que algumas breves ilações irão demarcar o texto como antídoto ao substrato fascista, às vezes até com requintes totalitários ou afagos nazistas, na moeda de troca de Goebbels. O bolsonarismo não escapa aos piores lances do clássico cesarismo, sendo este uma demonstração em particular do bonapartismo. Por vezes, ainda se pode relacionar o bolsonarismo ao berlusconismo italiano.

Abstract

This text is a kind of breviary on the so-called “Bolsonarism”. It is a breviary because the particularities and inscriptions in the political, social, economic, and cultural reality of Bolsonarism are not to be exhausted by anyone, it is not possible. It is also a breviary in the sense that some brief lessons to work as antidotes against this 21st century fascism – which has totalitarian refinements or Nazi touches, as in the use of Goebbels’ currency - are to be presented. Bolsonarism does not flee the worst of classical Caesarism, being a demonstration of Bonapartism. Sometimes, it is even possible to relate Bolsonarism to Italian Berlusconism.

Palavras-chave: Tropofascismo, Bolsonarismo, Esperança, Carta Política.**Keywords:** Tropical Fascism, Bolsonarism Hope Political Letter.

Inicialmente, traremos um sucinto mosaico cotidiano de como se apresentam algumas das interfaces entre fascismo, mecanismos de exceção, sociedade de controle e bolsonarismo. Este é o objetivo do sumário invasivo e autoritário que apresentamos abaixo.

Como ilustração deste breviário, apresentamos alguns recortes do cotidiano. Os links destacam a contemporaneidade da questão proposta, relacionando e incidindo bolsonarismo e fascismo. São onze pontos da Ópera Mundi, mais brasilis, já em 2019:

¹ Professor Associado II – Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0593-0544> E-mail: vicama@uol.com.br

1. Amazônia em chamas²; 1.1. Restrições econômicas à destruição das florestas³; 2. Um espectro político-econômico que participa de Golpes Constitucionais ("Weber contra o povo"), ao menos desde 2016, mas agora chocado com a irracionalidade; deseducação para os Direitos Humanos⁴; 3. Ataques maciços à ciência e ao conhecimento⁵; 4. Esse mesmo país com milhões na pior miséria de sua história recente, e ostentando o recorde mundial de concentração de renda entre super-ricos⁶; 5. Pleno florescimento do fascismo⁷; 6. Alvorecer de tráfico evangélico, racista e absurdamente intolerante com a cultura popular⁸; 7. Desmantelamento das políticas públicas e o total descrédito à vida humana⁹; 8. Implemento político-tecnológico da Idiocracia¹⁰; 9. Guerras 4D – quando contabilizamos o uso militar da inteligência artificial¹¹; 10. Blade Runner, Mad Max, O Exterminador do Futuro ou Matrix^{12?}; 11. Guerras Híbridas que destroem soberanias populares por meio da "militarização da teoria do caos"¹³.

Um ensaio sobre o fascismo

Este texto é ensaístico, prospectivo, busca instigar reflexões e não trazer conceitos absolutos, sacramentados, por isso se endossa na licença poética, na liberdade criativa, na análise de conjuntura, envolvendo-se,

² https://noticias.uol.com.br/album/2019/08/23/protestos-em-defesa-da-amazonia-pelo-mundo.htm?foto=1&fbclid=IwAR32ubl-LMNksL-XRF_eaYN3g2WxyBBJRnJudc-kCxPD368ehSysuO4ajRc.

³ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/08/24/reino-unido-alemanha-e-espanha-sao-contrabloqueio-de-acordo-ue-mercosul.htm?fbclid=IwAR0PQhZSeump8F4wtge5oeCPwdter9kTSMv7QJMPe23mEoiX9zvfCu1V5U0>.

⁴ https://jus.com.br/artigos/73306/dicionario-politico-juridico-da-educacao-publica?fbclid=IwAR3_rTbDLbiG99Z08jWi2uwz68ppkTlvfj1AnQMcty_O3WXgMBP55jiGT0.

⁵ https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/08/14/mais-de-40-federais-criticam-future-se-duas-rejeitam-adesao-ao-projeto.htm?fbclid=IwAR2Wm2y_OtCjpT0vPnh4zUK-txT9fHv40osmn_4ZgEUVNbnIAHyE5-6QD_s.

⁶ <http://blogdalucianaoliveira.com.br/blog/2019/08/19/super-ricos-no-brasil-lideram-concentracao-de-renda-global/?fbclid=IwAR0iYVJbe6-CIbNO003moMpTchYHUAKmPLvTA8MclTlJFYTUzVIIEmv8pDo>.

⁷ https://www.brasildefato.com.br/2019/08/19/michael-lowy-dos-governos-de-direita-bolsonaro-e-o-que-mais-tem-tracos-neofascistas/?utm_source=bdf&utm_medium=referral&utm_campaign=facebook_share&fbclid=IwAR1EI_J3es8M5Uq7ajVEeEw9fWgy9hGwuf8q6YiNc01ghT0PGsgB5eI5NgQ.

⁸ https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/traficantes-evangelicos-causam-terror-a-religoes-africanas.1780cd9c3e66e3685264918be080ac4db4ddw64t.html?fbclid=IwAR3CI4b2DwOa65AB1qwQWr3pN1oMbxfwWGc1DS-mIVvgg7OEnSzZ1_i5OWE.

⁹ http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2019/08/17/chegamos-so-para-declarar-obito-diz-socorrista-apos-alteracoes-no-samu/?fbclid=IwAR3soxZJwhRd8h4G_8I2rQR_2N0x6Dyk9HW3b9-9M7An2t_r2vhM6_Acu2Q.

¹⁰ https://cinegnose.blogspot.com/2019/07/do-estado-minimo-ao-estado-liquido.html?m=1&fbclid=IwAR3zoG0oRCzcnTuOy3g3w3VVX4ct1IeHyWx5ZZqSbC83gvC47M5M3qKw_PU.

¹¹ https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/novas-tecnologias-irao-moldar-guerra-do-amanha/index.htm?fbclid=IwAR2HoTGWrrRN60kE_Lp8W4U2Hjz4-D0eWZanu9-tYSJBFuK-K5xAH9iZg8JQ.

¹² <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/onu-age-para-impedir-criacao-de-exterminador-do-futuro-da-vida-real.shtml>.

¹³ <https://fpabramo.org.br/2019/08/23/guerras-hibridas-militarizacao-da-teoria-do-caos/>.

basicamente, na tentativa de relacionar o bolsonarismo (como “fenômeno societal brasileiro”) a categorias e arquiteturas do fascismo tradicional. Outrossim, o texto é menos uma tese do que uma provocação – a apresentação, a argumentação, constrói-se entre teoria e ironia.

O miolo, mais exatamente, elabora um sentido para o que denominamos de “Tropofascismo”, uma vez que o bolsonarismo escorregou pela realidade nacional como forma e conteúdo de uma metáfora mal feita (mas, está feita) do fascismo. Essa imperfeita metáfora, catástrofe entre nós, tem seu nicho no tradicionalismo, messianismo, neopentecostalismo, neocolonialismo neoliberal, no racismo, na misoginia, no machismo, na série fertilizada de preconceitos e de discriminações, no feminicídio, na corrupção, na homofobia, na corruptela nazifascista, e em toda sorte de crimes e violações aos direitos humanos fundamentais.

A conclusão deste texto, ao revés da discussão planejada nessas poucas páginas, instrui-se pelo chamado à antípoda do fenômeno societal aqui recortado; ou seja, pela esperança, utopia, empatia. Inversamente ao que projeta o imaginário do capitão do mato, a última parte do texto – na verdade, a mais ensaística, quase crônica da vida privada, e eivada de vida pública, portanto, inconclusiva enquanto há vida no autor -, traz as mulheres que me fizeram ser um “menino branco”, em analogia a Florestan Fernandes em “O branco no mundo dos negros”. Isso se deve ao combate em todas as frentes a essa oligofrenia que nos fez sitiados em sanidade, pela ação de alienados e alienistas:

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outras de tolerantes, outra de verídicos, outra de súplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc [...] e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes (ASSIS, 2014, p. 80-84).

E a ficção se fez realidade. A Revolta dos Canjicas chegou. Contudo, estamos às voltas para salvar o Caminho Constitucional, humano, civilizatório que aprofundaria o Estado de Direito Democrático de Terceira Geração – como profundo Estado Ambiental¹⁴. Como analogia de um seriado mitológico, temos de (re)pensar em nosso curso de ação atual, ainda que a revolta nos seja cara diariamente:

Não queimem a casa, para acabar com os ratos. Nosso inimigo queria nos ferir a partir de dentro. Palavras e espadas equivocadas ferem o próprio dono. Os cães não ladram no mundo dos lobos. São covardes demais para enxergarem a verdade. Quando voltarmos, será nosso destino cobrir com terra. É hora de deceparmos a cabeça da cobra. O poder é conquistado pela espada, mas mantido pela caneta. Nossa palavra e ato são um só. É uma guerra entre tiranos e oprimidos. A justiça será servida logo¹⁵.

¹⁴ <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/01/21/historica-decisao-proibe-governos-de-deportar-vitimas-de-mudanca-climatica.htm>.

¹⁵ As falas não repercutem citações literais, no entanto, em analogia, seguem o mais perto possível o sentido original e que se inclina a debelar o fascismo que se “naturalizou” na cultura (O Grande Guerreiro Otomano).

A dor nos é imensa, uma vez que o país não só bafeja o fascismo, como se declara oficialmente seguidor-proponente do nazismo de acordo com a melhor citação-cópia de Goebbels¹⁶. No entanto, é preciso cuidar para não se confundir Estado com governo; pois, se é verdade que nem toda a extensão se apunhalou de orientação fascista – havendo resistência nos três poderes, inclusive na mídia e praticamente em todos os níveis da Federação –, por demonstração óbvia e corriqueira, o “governo” (transitório e parcial) não só expressa, como estimula diariamente as práticas, referências e valores (tradicionais ou renovados) do fascismo¹⁷. Como se vê, nesta Anemia Constitucional em que nos encontramos, caminhamos em marcha ré diante do melhor Direito Internacional e afrontamos a Carta Política em seus desígnios de Teleologia Político-Constitucional.

Enganos da democracia

Engana-se quem acredita que “a democracia permite atos, manifestações, aglomerações, organizações em defesa da ditadura” – não importa a forma, qualquer tipo de defesa dos meios de exceção, em ataque frontal à democracia, à República, ao Estado de Direito e à Constituição, contra a cultura da liberdade e dos direitos humanos fundamentais, quem comete gravíssimo crime contra os Direitos Humanos age em desfavor do povo, apregoando o fim da Política, do espaço público humanizado. Por conseguinte, quem age contra a democracia, a liberdade e a igualdade corrompem a socialização, o Processo Civilizatório, auxilia na desumanização, favorece o embrutecimento, a desesperança, elevando-se como artífice de práticas fascistas, corruptas da Dignidade Humana. E, desse modo, constroem crimes contra a Humanidade, à medida em que buscam a desumanização, a despolitização, realçando a miséria humana como verdade.

Mentira, dissuasão, engodo, revisionismo, pós-verdade, Fake News, meias-verdades iguais a mentiras inteiras, tudo é fantasia, fumaça, névoa da escuridão e do Mal, e do fascismo alimentado sorratamente nesses tempos de Estado de Exceção e de Guerras Híbridas (KORYBKO, 2018). Tão híbridas que dali não vingam nada, só mesmo a terra arrasada. Quem se ilude com bravatas fascistas – tipo fechar o Congresso, destituir o STF – é tão nefasto quanto os estrategistas e comunicadores dos golpes contra a democracia.

Se o povo advoga isso por ignorância, deve ser educado; se a “autoridade” faz essa apologia ao crime, deve ser destituída; o advogado que defende causa ignóbil como acabar com a democracia, ao contrário de todos os demais, não seria julgado por “crime ideológico”, é comparável ao médico que nunca esteve presente nas aulas de anatomia. Um(a), mata o paciente em agonia, o outro(a) quer matar a soberania popular. O médico, a médica assassina mata por incompetência, o advogado, a advogada que desconhece do Princípio do Contraditório (que só sobrevive na democracia), mata-se, e ao

¹⁶ https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/01/17/plagio-nazista-e-consequencia-de-um-governo-que-incentiva-o-absurdo.htm?fbclid=IwAR1RdbMjGQdyWkK-McOQmYcSDnmvQn5UTNUJ_UjiLXwFHR0krP89oSoc.

¹⁷ <https://jornalistaslivres.org/a-etica-fascista/?fbclid=IwAR3XmZ0qQdQPCN0wpHPvtrN0QJml-WYZO-X00G3J8hSI77nppV2fetGIJIQ>.

povo, por atentar contra o Estado de Direito. Por isso, toda luta pela democracia, direitos humanos fundamentais, pela Carta Política, é uma luta pela vida, em prol da Humanidade.

É nesse contexto que inserimos o fenômeno societal denominado de "bolsonarismo". A minuta de sua representação, ainda que inicial, pode ser essa: o bolsonarismo é obcecado, o bolsonarismo é obcecado com o obscuro. O bolsonarismo está ramificado em todos os segmentos, camadas, classes sociais, grupos e estratos sociais, tem presença em todos os poderes, instituições e se ocupa de todas as profissões. O bolsonarismo pratica a "antipolítica", quase reproduz o não-Estado (BOBBIO, 2015) ao vilipendiar a Carta Política de 1988, uma vez que procura abater duas dimensões essenciais do Processo Civilizatório: a Política da Pólis e a Constituição. Ao mesmo tempo, investe violentamente contra as "minorias sociais" e assim põe em andamento a máquina de guerra da necropolítica (MBEMBE, 2018). Para que consiga esse *status* de desordem mental e caos, o bolsonarismo se apresenta como mito retrógrado, maniqueísta, estimulando a infantilização e o obscurantismo. O bolsonarismo é um tipo de Fascismo Iluminati; o bolsonarismo tem muito de berlusconismo (BOBBIO, 2016).

Lista de desejos e de indesejáveis

O bolsonarismo aniquila uma lista de desejos, ao passo que impõe outra listagem, absolutamente indesejável: a lista de desejos é o que almejamos, como dever-ser do Processo Civilizatório, e a outra é absolutamente indigesta, porque é atentatória à dignidade humana, é propriamente um caso de pronúncia de cometimento de crimes contra a Humanidade. Assim sendo, vejamos as duas listas brevemente, antes de adensarmos o fenômeno do bolsonarismo.

- **Lista de desejos:** gostaria imensamente que se observasse a CF88 no que tem de melhor, a começar pelos direitos fundamentais, a liberdade, educação crítica e emancipatória, a prevalência do interesse da coisa pública sobre o assédio privado, o art. 3º, o 205, 206 e 207, o art. 225 e tantos outros que compõem a grandeza de nossa Constituição como a melhor organização estrutural de uma real Carta Política.

Contudo, e muito infeliz é que se diz, a lista denegatória de "nossos sonhos humanizantes" é muito maior, complexa, e nefasta do que nossos "devaneios" poderiam suportar. Enfim, vamos à dialética puramente disruptiva, negativa, distópica, oligofrênica, involutiva, e que nos escraviza em pleno século XXI.

- **Lista indesejável:** destruição do Estado Laico; remoção da consciência como direito fundamental e a subsequente crença na mentira cumulativa; aniquilação do referido art. 207, sobretudo a autonomia universitária; remoção de verbas essenciais à saúde, segurança e educação; a sanha pela privatização da Universidade Federal (o tal Future-se); o crescimento exponencial

de todas as formas de assédio; estupros; suicídios; misoginia; homofobia; racismo; ameaças de morte (fui uma vez, em cartaz apócrifo); a enxurrada de portarias monocráticas, quer dizer, autocráticas, que violam toda a estrutura e a tradição em se observar/acatar a legitimação dos Conselhos Superiores, que proíbem docentes de participarem de eventos científicos; o corte de verbas nas bolsas-residência (milhares de acadêmicos, os mais pobres, são “convidados a sumirem do espaço público”); anulação de bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado; pregação de “autoridades” pelo fim do marxismo cultural (quem sabe, poderia informar do que se trata?); apologia ao terraplanismo, criacionismo, geração espontânea; ataques contra os parasitas (zebras gordas) e as balbúrdias na produção da ciência, tecnologia, inovação e produção, ensino, pesquisa e extensão, inclusão, conscientização e emancipação.

Neste sentido, o rol desejável para a universidade pública (universalização do conhecimento) é que lutemos pela conservação e reconhecimento do Direito à Consciência como um direito fundamental. Pois, sem isso, não há educação, não há Pólis, não há interação na mentira pública, no Mundo da Lua. Aqui, há dominação pelo temor, pelo irracional, pelo embrutecimento, pelo esgarçamento do ser social manipulado, consumido em angústia que seria salva pela árvore do pecado: a goiabeira unguida.

Não é à toa que somos um dos países mais crentes na mentira, em Fake News, uma vez que a educação pública é sempre combatida pela dialética negativa do escravismo secular e atávico: mitológico.

Essa narrativa do parágrafo anterior, esse pacote de embrutecimento, isto sim é um Fato Social notável. Porque, em sentido reverso, a educação (não o adestramento) deve ser crítica, investigativa, propositiva, e fadada à práxis.

Se observássemos o Direito Ocidental, a nomenclatura dos direitos humanos fundamentais, a Carta Política de 1988, o Estado Laico, os princípios e os direitos fundamentais, a emancipação, a liberdade, a prevalência do público sobre o privado, a não-retrogradação social, a imprensa livre e a democratização do acesso à informação, então, somente assim, teríamos uma educação verdadeira, não pautada na mentira, e que, assim, fosse crítica (autocrítica) e emancipatória (MARTINEZ, 2019b).

Este é o arcabouço da tese que defendo aqui, como securitário de que o Direito à Consciência é um direito humano fundamental. Como o direito fundamental adquirido/exercido, por meio da razão advinda da liberdade e da responsabilidade pública, a fim do pleno reconhecimento (racional) de que a Política (*Vita Activa*) só se manifesta – distante do caos, portanto – pelo exercício do autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação: instituintes da legitimidade.

E é óbvio que os ataques contra a educação pública não são apenas mercadológicos, uma vez que se embute um projeto de dominação. A seguir Max Weber (1979), estaríamos entre a dominação tradicional e patriarcalismo: messianismo, racismo estrutural, cristianismo pagão e adorador de bezerros de

ouro. Isto é, um conjunto profícuo, a tempestade perfeita, condizente com a manutenção do fascismo na base do capitão do mato.

Crê, pela lição histórica e ontológica (a vermos a nomologia da nossa Carta Política de 1988) que “não se debate com o fascista, combate-se o fascismo”.

Bolsonarismo – derivado fascista

Neofascismo, protofascismo¹⁸, fascismo tropical, turbofascismo, são alguns dos temas empregados para relacionar o fenômeno societal que atíça o mundo no espectro político que ligou direita e extrema direita. Críticos dizem que não há fascismo porque não há milícias ou partido próprio, de acordo com o genoma do fascismo europeu. Outros argumentam que não escalariam o país na dimensão conceitual do fascismo. E outros ainda alegam que não há as mesmas condições objetivas da Itália de Mussolini.

A questão é que, a bem dizer, o processo é viral, o genoma apresenta mutações, não há um conceito “puro”, neutro e isento a ser seguido, observado, como detentor de fórmula imparcial, universal. Na linha contrária, é preciso ver que o princípio ativo está mais ou menos concentrado ou diluído, modificando-se o ritmo, a intensidade de seus efeitos; porém, como está dito, o “princípio fascista” é ativo. Historicamente, vê-se claramente a corrosão da Cultura do Direito, a militarização das relações sociais, da Política e no interior das instituições, a escalada da violência estatal, a criminalização sindical e das relações sociais, os lampejos, surtos ou gravames da demonização da prática política (especialmente legislativa) e da democracia, o seriado da culpabilização das esquerdas e da oposição democrática (Macartismo), o darwinismo social e econômico, o elitismo, o racismo – com forte ou “mascarada” adesão ao principal derivado do fascismo: o ranço neonazista na manifestação de centenas de grupos e de cédulas simpatizantes.

Importa ver que todo veneno tem seus derivados, como pluri ou multifascismo, e com mais ou menos vergonha da verdade, com maior ou menor capacidade de declinação de voto em público. Muitas dessas características – e outras, inclusive mais gravosas, como os gravíssimos crimes cometidos contra os direitos humanos fundamentais¹⁹, contra a Humanidade – estão presentes e atuantes na raiz do chamado “bolsonarismo” ou fascismo tropical. Seja como metáfora, seja como “tropofascismo”, o Mal latejante, pulso firme de condições totalitárias – “Novo AI-5”, pregação visando o extermínio físico de adversários políticos transformados em “inimigos combatentes”, fechamento do Congresso e do STF –, o fascismo é operante, crescente, elevando-se em presença e força.

O bolsonarismo, apregoando-se como mitológico, nutre-se do irracionalismo, o analfabetismo político, o analfabetismo disfuncional que ocupa a imensa parcela de desempregados, uberizados em subemprego e do trabalho informal. Assim, afiguram-se com clareza outros aspectos do fascismo no século XXI, dentre nós, a exemplo do agravamento da miséria humana, na

¹⁸ Eco, 1998, p 43 e ss.

¹⁹ Simplificadamente, entende-se o conjunto dos direitos fundamentais civis, políticos, econômicos, culturais e sociais.

totalização das Vidas Secas (RAMOS, 2005) e no abate da educação pública, a fim de que os “nichos de excelência” sejam reservados às elites.

Se observarmos a ação das milícias reais (de policiais e soldados) e virtuais (humanos e bots) entendemos de que modo a assim denominada pós-verdade é cara ao bolsonarismo, tanto quanto o extermínio físico de negros, indígenas, mulheres, pobres e demais grupos sociais que escapam às elites. Não é por acaso que se tipificou o feminicídio – constatando-se a óbvia agressividade machista contra as mulheres – e a “importunação sexual”²⁰. O machismo, a misoginia, o feminicídio, são essenciais ao pensamento bolsonarista. Quando se soma ao racismo, é fácil perceber como se ataca ferozmente a mulher negra: mais ainda nas regiões periféricas. Ou, via de regra, quando o imaginário escravista, resiliente e resistente, apresenta essa mesma mulher negra (“mulata”) como símbolo e objeto sexual.

O que melhor caracteriza o bolsonarismo na ação política fascista é o emprego da violência física, o apego à não-realidade (Fake News), os ataques letais às comunidades pobres, a subserviência ao Império, as investidas destrutivas contra a Cultura dos Direitos Humanos, a apologia ao crime (tortura, assassinatos anunciados) e o desrespeito à Constituição, à democracia, ao Estado de Direito, o desfazimento da coisa pública. As incontáveis tentativas de solução final da Política como espaço público compartilhado. O bolsonarismo investe contra a educação pública como forma de aniquilamento da “política como comunidade” (NOGUEIRA, 2001). O bolsonarismo desconhece os arranjos do realismo político (“a nova política”) e se mantém com os bezerras de ouro do neopentecostalismo e com o mercado espoliativo e especulador: aqui, seu objetivo é tão-somente destruir as conquistas dos direitos fundamentais sociais inclusivos.

O bolsonarismo emprega e/ou é resultado do Cesarismo de Estado (GRAMSCI, 2000) e do bonapartismo (MARX, 1978) – a questão aqui seria descobrir se se trata de “bonapartismo soft” (LOSURDO, 2004) ou agudo –, a exemplificar pela reprodução ideológica dos “decembristas”, do lumpemproletariado (GORKI, 2007). O bolsonarismo aprisiona, como sistema fascista, o neocolonialismo neoliberal. O bolsonarismo coleciona bezerras de ouro, sob a ética pagã do mercado financeiro, mas é indiferente às vidas humanas. Como recolhido fascista, o bolsonarismo “naturaliza o Mal e o Terror”. Por isso, toda forma de violência e de degradação humana são invocadas sob a proteção de um tipo de messianismo – como se o Rei Davi retornasse com metralhadora em punho.

Juridicamente, o bolsonarismo é resultante do Estado de Exceção Permanente (AGAMBEN, 2004), estilo Kafka (1997), bem como encontrou farta munição nas Guerras Híbridas (KORYBKO, 2018); tendo como marco a Ditadura Inconstitucional (MARTINEZ, 2019) movida pelo golpe de 2016. Os apontamentos conduzidos por Florestan Fernandes (2019) no longínquo 1991 parece que foram reeditados em nossos tempos. No fundo, trata-se de análise angular, radical e que não se despoeva ao longo da história: “A acumulação acelerada de capital sustentou a expropriação permanente e crescente do

²⁰ É preciso ver que o lastro fascista precede a 2018. Se anexarmos o racismo estrutural remonta aos efeitos permanentes da escravidão. Contudo, o Mensalão (2005), as revoltas estudantis (2013), o golpe de 2016 são marcos decisivos.

excedente econômico produzido pelos trabalhadores e exigiu que a sociedade civil, o direito e o Estado constitucional representativo institucionalmente, de modo perverso e encoberto, liberdade, repressão e opressão” (p. 34).

Acrescentaria a essa passagem apenas a visão de mundo carcomida, retrógrada, involutiva que se abriga nas elites dominantes – à beira do escravismo – que gestaram o bolsonarismo como força reacionária que se alimenta de posturas reacionárias do século XIX. Cópia da descrição de Monteiro Lobato (2019): “Há sobre os aparadores Luís XV brônzeos candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinhavre. Mas nem se acendem as velas, nem se guardam os nomes dos enquadrados – e por tudo se agruma o bolor râncido da velhice. São os palácios mortos da cidade morta” (p. 8).

O atual estágio de antirrepublicanismo relembra os bestializados (CARVALHO, 1987) - no entanto, seguimos incapazes de formular a ironia de superação (dialética) -, no passado e no presente, sendo produto e reproduzidor da Idiocracia. Tenha-se por exemplo a crença em Jesus na goiabeira e a geração espontânea – como sistema político organizador do caos e da ignorância multiplicada e multifacetada: na CAPES se acredita no criacionismo, nega-se o aquecimento global e se reproduz o anti-intelectualismo.

O racismo, impregnado no bolsonarismo, atribui-lhe conotações ou tipificações que ilustram seu viés de racial-fascismo: desde as correntes injúrias raciais às seguidas tentativas de negação dos próprios efeitos da escravidão no país: recuperando-se, por vezes repaginando-se com paletó e gravata, figuras tão grotescas quanto poderia ser um capitão do mato no século XXI. Ao negar o racismo, o bolsonarismo oscila no cometimento dos crimes injúria racial e do próprio racismo: equivale a negar o Holocausto. Esse *modus operandi* se locupleta no tratamento institucional destinado aos indígenas, aos quilombolas, às crianças e aos idosos pobres, e aos deficientes físicos²¹. Este tropofascismo, como metáfora da necropolítica (MBEMBE, 2018) equacionada pelo neocolonialismo neoliberal, trata as “minorias sociais” como restos do capitalismo especulativo/disruptivo: inimpregáveis, indesejáveis do Custo-Brasil.

O suporte operacional do bolsonarismo advém com o emprego de milícias já institucionalizadas (“elite da tropa”) e com a criação de partidos políticos on-line. O que, por outro lado, não significa que o repertório fascista das bases do bolsonarismo seja suficiente para sustentar um triunvirato autoritário, autocrático, no poder: o Cesarismo de Estado se abalou com a rejeição do Legislativo – “cesarismo legislativo” de Gramsci (2000) – e do Supremo Tribunal Federal (STF) em participarem do ato denegatório do Congresso e do STF, no dia 15 de março. Nem os militares, tão engajados no aparelho de Estado, endossaram, em sua cúpula de generais, os apelos do bolsonarismo por (anticonstitucional) “intervenção militar”. Note-se, a guisa de esclarecimento, que este ensaio de Transmutação Constitucional fora aclamado nas redes sociais inúmeras vezes, porém, teve seu prelúdio na greve dos caminhoneiros (2018) e até mesmo ante a possibilidade de o impeachment não ser aprovado para se sacramentar o golpe de 2016.

²¹ Este articulista já foi alvo de ameaça de morte, em cartaz apócrifo.

O exaurimento do PRONERA em 2020, na sequência do desmantelamento da imensa maioria das 140 agências, conselhos, comissões criadas por estímulo da Carta Política de 1988, esclarecem que o bolsonarismo atua frontalmente em desfavor da descentralização do poder, uma vez que procura repelir toda fonte possível de participação e de emancipação política. O estímulo e a denegatória em prover recursos ao combate aos incêndios criminosos na “floresta úmida” da Amazônia são os provimentos de gravíssimo crime ambiental, porque ameaça um patrimônio natural da Humanidade. Isso ainda revela que o bolsonarismo atualiza o Mito do Fausto (GOETHE, 1997), empenhando-se na terra arrasada. Sem contar quantas crianças pobres levariam “tirinho na cabeça”. E sem contabilizar as prisões políticas que decidiriam processos eleitorais.

O bolsonarismo nega-se aos fatos, distorce outros amplamente, inventa ideologias como o suposto “marxismo cultural”, inventa o “nazismo de esquerda” e não será de se assustar a negação do Holocausto. O objetivo não esconde a ação de fomento de milícias e o militarismo das relações políticas. Subordina-se a verdade – quando não se propicia o revigoramento da SS e de Goebbels em discurso ministerial. O bolsonarismo se alavanca com o capitalismo esquizofrênico típico da sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Aqui devemos registrar que essa aliança do nazifascismo com a técnica não é, por óbvio, uma recém-descoberta:

A máquina adorada não é mais matéria morta, mas se torna algo semelhante a um ser humano [...] O comportamento racional se torna idêntico à factualidade que prega uma submissão razoável [...] Mas esta ‘internalização’ da coerção e da autoridade reforçou, em vez de atenuar, os mecanismos de controle social [...] O caráter objetivo e impessoal da racionalidade tecnológica confere aos grupos burocráticos a dignidade universal da razão [...] Para tais indivíduos a sociedade aparece como uma entidade objetiva [...] Os inimigos da técnica prontamente se aliam à tecnocracia terrorista [...] Quem realmente golpeia e comanda não é Himmler, Göring ou Ley, mas a Gestapo, as ‘armas do ar’, a frente de trabalho (MARCUSE, 1999, p. 81-119).

No entanto, os bots impulsionados ou que impulsionam o terraplanismo e as Fake News são a contraprova do patamar virtual do fascismo pós-moderno do século XXI, o que faria Bauman (2013) revirar onde quer que esteja.

O que nos leva, então, ao *raciocínio obtuso* em termos de tecnologia, em pleno século XXI? Será desinformação, má vocação ou ideologia? Veremos que isso é uma espécie de síndrome ou de fatalidade que leva o sujeito para o passado (como *quase-Unabomber*).

Forma-se essa **síndrome do pequeno robô** quando algum tipo de “pequeno poder” advém de uma crítica verborrágica (antitecnológica, pseudo-científica) e do *status* de “pequeno-burguês”, como um ator consumista e possuidor de bugigangas recém-lançadas. A contradição, nesses termos, não poderia ser mais evidente, ou mais exatamente porque se contradiz ao *mundo real/virtual*; opõe o *pensar criativo* à infundável necessidade de *ter* do ávido

possuidor de quinquilharias; opõe-se ao curso civilizatório agregado desde a implementação das técnicas mais primitivas. Esse "robô alegre" (MILLS, 1975), portanto, de tão distante do real, põem-se contra si mesmo.

O bolsonarismo, portanto, despreza a cultura emancipatória (racional e factual) e democrática. Especialmente quando o bolsonarismo agride com ferrolhos de morte o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, com dessocialização e desumanização (embrutecimento societal). Nossa resposta está na luta política, uma constante da luta de classes, e não será servida sem esperança, empatia, utopia.

Conclusão – a esperança não se conclui

Eu espero.

Espero que você tenha esperança.

Sempre tive. Tenho medo, porém, não meço a espera, não adio a esperança.

No desespero nunca fui, errei tudo.

Se há um direito à felicidade, cabe-nos, em tempos difíceis, achar de volta o caminho da esperança.

Por que alguns tanto se incomodam com esse tema?

Porque preferem suas amargas, o desencanto, a falha dos outros pra julgar e se vestir de armaduras irreconhecíveis.

Que mal há em ser feliz mesmo em tempos tão sombrios?

Devemos ficar tristes, recolhidos, mal assombrados?

Que bem isso nos faria?

Se tens consciência de que tua esperança não decorre da infelicidade alheia, isso é um bem.

O Mal, basta-nos o de cada dia.

Basta-nos o Mal que consome aos que se encontram em desespero.

Nossa missão, pois, é levar um facho de felicidade a quem se escureceu nesses tempos sombrios.

Eu espero, vou esperar sempre, que meu jeito de esperar traga luz a quem já desesperou.

Esperarei por ti, por nós, por mim.

Por todos nós, estou à sua espera.

O tempo não conta, já foi passado; é um presente sim, mas é passado.

Logo virá o nosso futuro. Eu contigo, esse é o nós, um nó, nosso.

Referências

ASSIS, Machado de. **O alienista**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOBBIO, Norberto. **Democracia e Segredo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

BOBBIO, Norberto. **Contra os novos despotismos**: escritos sobre o berlusconismo. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FERNANDES, Florestan. **Reflexões sobre a constituição de um instrumento político**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1997.

GORKI, Maxim. **Ralé (No fundo)**. São Paulo: Editora Veredas, 2007.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. (Org. Carlos Nelson Coutinho). Volume III. **Nicolau Maquiavel II**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KAFKA, Franz. **O Processo**. 9ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas e outros contos**. Jandira – SP: Ciranda Cultural, 2019.

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou bonapartismo**: triunfo e decadência do sufrágio universal. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**: coletânea de artigos de Herbert Marcuse. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

MARTÍ, José. **Versos sencillos**. 3ª ed. Havana-Cuba: Centro de Estudios Martianos, 2006.

MARTINEZ, Vinício Carrilho. **Teorias do Estado – Ditadura Inconstitucional**: golpe de Estado de 2016, forma-Estado, Tipologias do Estado de Exceção, nomologia da ditadura inconstitucional. Curitiba-PR: Editora CRV, 2019.

MARTINEZ, Vinício Carrilho. **O conceito de Carta Política na CF/88**: freios político-jurídicos ao Estado de não-Direito. Pesquisa de Pós-Doutorado em Ciências Jurídicas. Paraná: Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, 2019b.

MARTINEZ, V. C. *Fascismo. O pior crime contra a democracia.*

Dossiê "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil"

MARX, Karl. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica.** São Paulo: N1 Edições, 2018.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Em defesa da política.** São Paulo: SENAC, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas.** Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2005.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Contribuição dos autores

O autor é responsável pela redação na íntegra do ensaio.

Enviado em: 23/março/2020 | Aprovado em: 18/agosto/2020